

O nome próprio como tema motivacional no ensino de História

Célia Szniter Mentlik¹

RESUMO

Trata-se aqui de uma proposta para incluir a pesquisa do nome próprio e sobrenome de família do aluno como tema motivacional e de agregação de conteúdo nas séries iniciais de introdução do ensino de História. Palavras-chave ao campo do simbólico, tais signos abrem as portas a conteúdos importantes da herança cultural e afetiva de cada um, deflagrando várias vertentes de trabalho. Enquanto expressão do laço de pertinência à cadeia de gerações pregressas, nos sobrenomes que a criança compartilha com os demais em seu núcleo familiar, bem como tais referenciais no espaço e no tempo, ou como investigação sobre a escolha de seu nome pelos pais ou familiares, o tema concentra em si inúmeras possibilidades, já que vincula diretamente a experiência vivida à herança individual e coletiva. Documentos que atestem fatos sobre sua própria existência proveriam as primeiras experiências da criança com a investigação histórica.

Palavras-chave: nome próprio, nome de família, herança cultural.

ABSTRACT

This presentation refers to a proposal of including the research of the students' given and family names as motivational and content adding themes in the first introductory cycles of History teaching. As key words that lead to the symbolical domain, such signs open the doors to the cultural and emotional heritage of each one, from which may arise different possibilities of work. While expression of the ties to the chain of former generations, found in the surnames that the child shares with other family members, as well as the place of such references in time and space, or as the investigation about the choice of his name by his parents or relatives, the theme concentrates in itself a number of possibilities, once it directly links the lived experience to the individual and collective heritage. Documents informing on facts regarding the student's existence would provide his first experiences with historical investigation.

Key-words: given names, family names, cultural heritage.

A proposta aqui apresentada, envolvendo a pesquisa do nome próprio e sobrenome de família do aluno como tema de atividade motivacional e de agregação de conteúdo nas séries iniciais de introdução do ensino de História no nível fundamental baseou-se inicialmente em vários estudos antropológicos e psicanalíticos sobre a questão da identidade.

Formulações de alguns pesquisadores que integraram o seminário interdisciplinar *L'Identité*, dirigido por Claude Lévi-Strauss entre 1974 e 1975, na França, destacaram a importância das formas de nomeação dos indivíduos para a compreensão das diferentes estruturas sociais em toda sua complexidade. Dentre eles, destacamos aqui as contribuições de Jean-Marie Benoist, quando este argumenta sobre a forma como “O Outro” se revela

¹ Doutora em Letras, Universidade de São Paulo.

constitutivo da identidade de cada um, o que é visível de maneira privilegiada no modo de nomeação dos indivíduos, já que no processo simbólico, esse é o lugar no qual este virá contrapor-se à ilusória perenidade da identificação do sujeito consigo mesmo.

“...: nome do grupo, nome do indivíduo, a questão da clivagem coloca aqui a urgência tanto mais forte quanto põe em jogo parâmetros tão variados como a relação da mãe com a criança, a questão de um sistema de atributos e de atitudes em sua relação com a função de doadora das mulheres, e com a proibição do incesto**, a relação da topologia com a captura especular e com o funcionamento de um certo tipo de dessimetria que geralmente provam a pertinência de certas intuições fundamentais de Freud no terreno da antropologia, justamente aquelas que não pretendem utilizar a antropologia, mas deixar espaço de análise a um campo totalmente diferente, o texto dos sonhos***; a questão do simbólico enquanto coloca o sujeito em crise e apela à constituição de uma topologia da diferença.*** Todas essas facetas da questão do nome próprio, enquanto mobilizam o impróprio e a questão do outro, oferecem um lugar privilegiado para o questionamento da identidade e des-constróem a armadilha do etnocentrismo ao nível do grupo, e do narcisismo primário, a nível do indivíduo. Vemos o etnocentrismo primário se relativizar, graças à função do nome próprio como operador desta des-totalização, estratégia indispensável para a postulação da questão da identidade.”^{2 3} (tradução da autora)*

Reforçando, de outro lado, a abordagem antropológica da questão, reside o fato de que, de acordo com muitas tradições, religiões e crenças atuantes no mundo contemporâneo, existe a idéia de que os nomes têm o poder de proteger seu portador, catalisando forças, podem funcionar como uma espécie de talismã protetor. Assim, sob determinadas circunstâncias, podem ocorrer mudanças de nome no momento da conversão a algumas delas.

Já para a Psicanálise, especialmente com Lacan, o nome próprio conferido à criança ao seu nascimento, quando examinado a nível profundo, reflete de alguma forma o resultado do jogo, muitas vezes inconsciente, de desejos e expectativas dos pais em relação àquele filho. Alguns estudos revelaram que nomes homenageando a antepassados, a heróis da mitologia, a políticos e artistas, até mesmo a opção por certos nomes “da moda”, via de regra confirmam esse postulado, veiculando ao sujeito informações significativas sobre aspectos da memória ou da vida afetiva, assim como podem revelar sonhos de seus pais e familiares.⁴

A partir de semelhante vertente, é exemplar a forma como questões de afirmação de identidade étnica podem aparecer na nomeação de descendentes de imigrantes nascidos no

² BENOIST, Jean-Marie “Facettes de L’Identité”, pp.13-23 IN *L’Identité*, op.cit.

³ *Notas do original:*

* André Green em “Atome de parenté et relations oedipiennes”.

** Françoise Héritier, “L’identité Samo” e a Françoise Zonabend “Pourquoi nommer?”

*** Julia Kristeva “Le sujet en procès: le langage poétique” e a Antoine Danchin “Stabilisation fonctiennelle et épigénèse”. □

⁴ Ver, por exemplo: RABINOVITCH, E.P. et al. “Atribuição de nomes próprios e seu papel no desenvolvimento segundo o relato dos nomeados”, *Rev. Bras. Des. Hum.*, São Paulo, III(2), pp. 119-137, 1993, e RABINOVITCH, E.P. et al. “Famílias Evangélicas Baianas e o Processo de Nomeação”, *Revista Psicologia & Sociedade*, Vol. 20(3), set./dez. 2008, pp. 417-424.

país recentemente por eles adotado, tanto quanto seu oposto, o anseio por uma rápida aclimatação, ou ainda, a já bem-sucedida adaptação e assimilação ao novo meio podem por vezes revelar-se nessa escolha.

Além dos campos de abordagem acima mencionados, o da Antropologia e da Psicanálise, o tema foi estudado a partir de muitos outros ângulos, tão diversos quanto o da Lingüística, Análise Literária e da Lógica Formal, e, é claro, daquele que também nos interessa especialmente aqui, o da História.

Nesse âmbito inscrevem-se os estudos genealógicos, a história das linhagens familiares, informando-nos sobre nossa ancestralidade e seu percurso no espaço e no tempo. Apenas um grupo familiar, assim dimensionado, pode, por vezes, ser representativo de considerável parcela de determinada população. Os laços de parentesco e as peculiaridades de nomeação vão sendo aí expressos, pelo cruzamento com diversas determinações, por vezes mesmo imposições, dentre elas, também as lingüísticas.

Do ponto de vista do senso comum, também é patente o fato de que os nomes pelos quais somos designados e reconhecidos pelos demais constituem marcas identitárias que nos são caras e que nos acompanham ao longo de toda a existência, muito embora não tenham sido por nós conferidas. Há uma noção de sua importância desde muito cedo, à medida que vamos apropriando-nos do signo de identificação que nos foi atribuído, e nele podemos nos reconhecer e através dele, também nos representar.

Como palavras-chave no campo do simbólico, o nome que portamos abre as portas a conteúdos importantes de nossa herança cultural e afetiva, deflagrando uma variedade de sentidos possíveis à pesquisa de cada sujeito.

Seria possível conceber tarefas específicas para essa investigação, tais como entrevistas dos estudantes com os pais, outros ascendentes ou responsáveis sobre os fatores que motivaram a escolha de seu nome, seu significado etimológico, memórias evocadas e demais referências passíveis de serem obtidas em tal contexto.

A origem de seu nome na cultura e o contexto de seu surgimento também seria uma direção proveitosa de trabalho, podendo remeter a diversas fontes como referências bíblicas, mitos e heróis da Antigüidade Clássica, à cultura dos indígenas, ou ainda à história e mitologias de muitos outros povos.

De outra vertente, atividades como a coleta de diferentes documentos aonde seu nome passa a constar, quais os dados ali relevantes, a verificação de datas e sua vinculação a fatos, situariam o tema no tempo do aluno: há uma documentação que atesta sua existência, como

certidão de nascimento, carteira de saúde e cédula de identidade (em alguns casos), quais informações o estudante pode dali apreender?

Uma das marcas de nosso laço com as gerações de nossos predecessores, que passamos a “assumir” e vivenciar, bem como outras condições que herdamos e de que nos “apropriamos” é o sobrenome de família, este compartilhado com determinado número de pessoas, que muitas vezes, a princípio, inclusive desconhecemos.

Observamos no Brasil e em vários outros países a ocorrência por vezes de milhares de indivíduos com um mesmo sobrenome. Como e por quê isso acontece? Qual a história desses sobrenomes?

Outros fenômenos curiosos, como a ocorrência muito freqüente de sobrenomes de um mesmo significado em diferentes línguas, como *Müller*, *Molina*, *Mounier*, *Molineau*, *Milner*, nos remetem ao medievo, quando a profissão de moleiro estava presente em cada pequena aldeia na Europa, que tinha seu próprio moinho para processar o trigo produzido, e transformá-los em farinha para a alimentação da população local, uma vez que as estradas e os transportes eram então muito incipientes.⁵

Muitos outros nomes de família atualmente prevalentes na Europa tiveram origem em nomes de profissões de origem medieval. Assim, apenas a título de ilustração, na França o são também *Archier*, *Archière*, *Archer*, significando “arqueiro, fabricante de arcos e flechas”, e *Fournier*, *Fournière*, “padeiro público”, além de muitos outros.⁶

Eram então como apelidos agregados a um nome próprio, não havia registro civil, o que veio a ser instituído muito mais tarde, em muitas localidades esse procedimento apenas começou a ter lugar já no século XIX. Na França e na Península Ibérica “...a figura do sobrenome de família começa de fato a se fixar por volta de 1300 e só pode ser considerada irreversível em meados do século 15.”⁷

Do ponto de vista do ensino de História, seria possível trabalhar conteúdos nessa linha através da investigação do aluno sobre seu próprio nome de família, que o remeteria, possivelmente, ao percurso geográfico e à história das migrações ocorridas, tanto do lado materno como paterno de sua ascendência.

Estudos dessa natureza possivelmente ofereceriam grande interesse aos estudantes, atuando como um poderoso catalisador do incentivo pelo conhecimento histórico, uma vez

⁵ Para uma demonstração das possibilidades da investigação acerca da questão do nome próprio, ver a interessante e completíssima obra, que inclusive inspira essa comunicação, LAMOUNIER, Bolívar, *Moinho, esmola, moeda, limão: conversa em família / Bolívar Lamounier*. São Paulo: Augurium Editora, 2004.

⁶ Op. cit.às pp.35 e 36, Lamounier apresenta ao leitor tabelas com uma grande variedade de nomes semelhantes em uso na França do século XX.

⁷ Op.cit.p. 24.

que lhes trariam informações relevantes e que talvez lhes fossem até então desconhecidas sobre sua própria identidade, alargando a noção que portavam previamente sobre si mesmos.

Assim, como vimos, embora para muitos autores os nomes não se constituam exatamente como um destino, diante do emaranhado de determinações envolvidas, de muitas perspectivas além daquela religiosa, não parece excessivo afinal afirmar que estes “perpetuam uma tradição, em um sentido amplo, de conectar os mortos com os vivos, e os vivos com os mortos, estabelecendo elos entre eles e possibilitando o manejo de forças, em geral, fora do controle dos vivos”⁸.

Diante dessa exposição e motivos, podemos afirmar que aquilo que pareceria estreito, ultrapassado, e que há pouco tempo seria de pronto recusado como culto narcisista aos ancestrais, revela-se, pelo contrário, frente à riqueza de possibilidades e de ampliação de horizontes que oferece, um possível caminho em direção à universalidade em nosso desenvolvimento cultural. Voltando no tempo às barreiras construídas ou impostas no passado, esperemos reencontrar o fio comum de nossa humanidade no futuro.

Bibliografia consultada:

- ARIAS NETO, José Miguel (org.), *Dez Anos de Pesquisas em Ensino de História*, Londrina: AtritoArt, 2005.
- BENOIST, Jean-Marie, “Facettes de L’Identité” IN LÉVI-STRAUSS, Claude (org.), *L’Identité: Séminaire Interdisciplinaire 1974-1975*, Paris: Quadrige/PUF, 1977, pp.13-23.
- LAMOUNIER, Bolívar. *Moinho, esmola, moeda, limão: conversa em família*, São Paulo: Augurium Editora, 2004
- LÉVI-STRAUSS, Claude (org.), *L’Identité: Séminaire Interdisciplinaire 1974-1975*, Paris: Quadrige/PUF, 1977.
- OLIVEIRA, Cláudia Aparecida de, “O Nome próprio e sua relação com o Inconsciente”, Dissertação de Mestrado, Depto. de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2004.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene, *Ensinar História*, São Paulo: Scipione, 2004.

Artigos em revistas:

- RABINOVICH E.P. “Atribuição de nomes próprios e seu papel no desenvolvimento segundo o relato dos nomeados”, *Rev. Bras.Cresc. Desenv. Hum.* São Paulo, III (2); 1993.
- _____, “Famílias Evangélicas Baianas e o Processo de Nomeação”, *Revista Psicologia & Sociedade*, Vol. 20(3), set./dez. 2008, pp. 417-424.
- “A Sina do Nome” – entrevista concedida por Elaine Rabinovich à revista *Mais Vida*, maio 1997, pp.60-63, reportagem de Leuza Araújo.

Pesquisa na Internet:

Heirnet – Historical Education International Research Group – www.heirnet.org.

⁸ RABINOVITCH, E.P. et al. , “Famílias Evangélicas Baianas e o Processo de Nomeação”, *Psicologia & Sociedade*, Vol 20(3), pp.417-424, set./dez.2008, pp.423.